DA OBSCURIDADE AO DIA: ESPAÇO E PENITÊNCIA NAS NARRATIVAS ORAIS DO DECURIÃO DECA PINHEIRO

Cícero da Silva Oliveira[1]

Resumo: Este artigo apresenta os resultados de uma pesquisa sobre a relação entre os penitentes da Vila do Genezaré, município de Assaré, no Cariri cearense e os espaços por eles frequentados nas suas práticas rituais. O estudo revelou uma trajetória na qual espaços antes improváveis para aqueles penitentes passam a ser frequentados a partir de concessões feitas pela Irmandade, das suas relações instáveis com as lideranças da Igreja Católica local e da sua inserção em atividades culturais do município. Não é bastante afirmar que algumas tensões internas ao grupo são produtos dessas novas experiências espaciais, constatações atingidas a partir da análise das entrevistas realizadas com o decurião da Irmandade entre o ano de 2010 e início de 2012 e da utilização dos conceitos de espaço, penitência e memória social na sua articulação com lugares de memória e prosopopéia memorial.

Palavras-chave: Espaço; Penitência; Vila do Genezaré.

INTRODUÇÃO

Neste artigo proponho refletir sobre a relação entre os penitentes da Vila de Genezaré, município de Assaré, no Cariri cearense[2], e os espaços por eles frequentados nas suas práticas rituais desde que ingressaram nas suas primeiras irmandades. Utilizo para atingir tal objetivo entrevistas feitas desde 2010 até o ano em curso com o decurião[3] da Irmandade de Nossa Senhora, conhecida popularmente como Os Penitentes do Genezaré, o senhor José Pinheiro de Morais (conhecido como Deca Pinheiro, de 76 anos de idade). Tendo em vista que no mesmo período os outros 07 (sete) membros da Irmandade foram igualmente entrevistados, em alguns momentos são promovidos diálogos entre as narrativas do líder e aquelas construídas pelos seus penitentes a fim de que sejam percebidos os pontos convergentes e algumass prováveis tensões internas ao grupo.

A Irmandade em questão é adepta dos rituais de autoflagelo[4], peregrinações, dos cânticos denominados benditos e serviços religiosos comunitários. Tem como datas essenciais nas suas atividades anuais as Semanas Santas e os Dias de Finados. No período do calendário litúrgico católico reservado às comemorações da Paixão de Cristo, percorrem os arredores da Vila onde moram, tirando esmolas (desjejuns, "os jejuns" ditos pela população local) e anualmente aos 02 (dois) de novembro realizam "visitas de cova" e "tiram o terço das almas[5]" no cemitério da localidade. Ainda, colocam-se à disposição para pagarem promessas feitas por terceiros aos santos das suas devoções o que, geralmente, resultam em caminhadas, terços, benditos etc. e, mais recentemente, aos convites para participação em eventos culturais do seu

município ou para além das suas fronteiras geográficas. Nada distante dos rituais característicos da Irmandade.

Entretanto, algumas definições elaboradas a partir de pesquisas acadêmicas e os contatos com as narrativas dos penitentes contribuem para o entendimento da experiência penitencial como algo mais amplo. Considero que os praticantes de danças votivas, mendicância, privações materiais com fins religiosos específicos também devem ser tidos por penitentes (CARVALHO, 2011, p. 14) e que para além dos ritos particulares dos grupos existe um *ethos* igualmente característico e exigido entre os adeptos da penitência, como atesta o decurião Deca Pinheiro[6] e a pesquisadora Roberta Bivar Carneiro Campos (2008). Visivelmente, essa pesquisa trata tão somente de um tipo especifico de prática penitencial.

A concepção de espaço aplicada no estudo leva em consideração a atuação dos sujeitos e seus movimentos. Parto do pressuposto que são as práticas pedestres (para Deca Pinheiro parte essencial dos ritos penitenciais) que transformam "lugares" em "espaços". Enquanto lugares são praticados, os caminhantes conhecem as interdições que lhes são impostas, mas jogam com um amálgama de possibilidades (CERTEAU, 2007).

"Correndo pelas ruas, esses homens (os penitentes) vão ao encontro do sagrado, não mais submetidos à materialidade dos templos, é ao ar livre que esses leigos, entre benditos e ladainhas, vêem o próprio Cristo crucificado." (BEZERRA, 2010, p. 29). Tal "ausência de lugar", do templo, é refletida no caminhar dos penitentes que, enquanto andam, encontram em um espaço outros tempos e lugares (CERTEAU, 2007, p. 200).

Nessa perspectiva, os lugares frequentados ritualmente pelos penitentes contribuem para a construção das suas "prosopopéias memoriais" definida por (CANDAU, 2011, p. 143-144), ou seja, a capacidade que os sujeitos têm de, rememorando, falarem em nome de um outro – até mesmo de um morto anônimo[7]. Daí, decorre que esses lugares podem ser tidos como lugares de memória, conforme conceituado por Pierre Nora: "toda unidade significativa, de ordem material ou ideal, da qual a vontade dos homens ou o trabalho do tempo fez um elemento simbólico do patrimônio memorial de uma comunidade qualquer" (NORA citado por CANDAU, 2011, p. 157). Narrando, os penitentes do Genezaré promovem um retorno frequente aos lugares de memória, às próprias memórias do grupo ou individuais.

De fato, a memória tira proveito de circunstâncias que aguarda, "à espreita", e lhe são exteriores e fornece o "toque suplementar" que fará de um determinado conjunto, ordenado mas incompleto, algo "bom" (CERTEAU, 2007, p. 162-163).

Em face do desafio de estabelecer um diálogo entre as narrativas do decurião Deca Pinheiro e as dos demais membros da irmandade, opção metodológica adotada para a

pesquisa, mesmo que e justamente porque "... dificilmente podem fornecer uma visão coesa acerca do assunto estudado... " (JUCÁ, 2011, p. 44), tornou-se adequado o entendimento da memória como um tipo especial de fato social[8] que mistura, ao mesmo tempo, recordações de aspectos sociais e pessoais, palco de tensões e disputas individuais e/ou coletivas (FENTRESS; WICHAM, 2004) e como "... uma realidade onde se mesclam o individual e o coletivo, (inclusive) possibilitando uma compreensão diferenciada daquela transmitida pela documentação tradicional" (JUCÁ, 2011, p. 18).

A pesquisa relevou uma trajetória na qual espaços antes não possíveis ou improváveis aos penitentes passam a ser frequentados pela Irmandade de Nossa Senhora a partir de algumas concessões feitas pelo grupo, das relações instáveis com as lideranças locais da Igreja Católica e da sua inserção em atividades culturais do município. Não é bastante dizer que certas tensões internas à Irmandade são produtos dessas novas experiências espaciais.

SER PENITENTE NO INFINCADO: O VER E O ENTREVER ENTRE DIFICULDADES E INCERTEZAS

O cenário diante dos nossos olhos não é dos mais aprazíveis; inicialmente muito são os que chegam, mínima é a quantidade dos que permanecem. As casas são raras: três ou quatro, para trinta ou quarenta habitantes, em uma vasta extensão de terras. Prevalece a distância de fontes de águas boas para o consumo. Os caminhos são resumidos a veredas abertas no meio da densa mata. O silêncio noturno é rompido regularmente pelo barulho de animais que têm naquelas paisagens os seus habitats e colocam em risco a vida de quem invade seus territórios; é permanente o medo "da onça e do guaxinim".

Acorda-se cedo, longos são os dias. Os primeiros tempos, enquanto a luz do sol não cede lugar à noite, são marcados pelos sons do machado no seu contato violento com as grandes árvores que precisam ser removidas. Gasta-se mais tempo cortando em partes menores velhas braúnas e no cansativo processo de remoção do que na sua derrubada. E elas não são poucas nem pequenas; às vezes três homens não são suficientes para abraçá-las.

As moradias são um "barracão" com varas entrecruzadas, preenchidas nos seus espaços e coberto com folhas de oiticica no qual são alojados dezesseis homens, e uma pequena casa de tijolos e telhas para as mulheres que cuidam de preparar o alimento diário dos trabalhadores.

Ao final da tarde, tomam-se outras veredas em longa caminhada na direção das fontes perenes de água que servirão de imediato para higiene pessoal e serão recolhidas em potes de

barro ou baldes de alumínio e levadas de volta ao rústico acampamento para utilização no dia seguinte em afazeres domésticos. É preciso afirmar que a estreiteza dos caminhos não permite a passagem de animais de carga e anda-se em fileiras como destacou Sérgio Buarque de Holanda (1994) quando tratou dos “caminhos e fronteiras” praticados pelos paulistas e silvícolas dos sertões do sudeste e centro-oeste brasileiros; o corpo do homem em movimento ainda era o que realizava as transformações necessárias a uma trajetória mais duradoura naquela localidade e garantia os recursos básicos à sobrevivência cotidiana.

À noite, na sua maioria, reúnem-se próximos de olarias e enquanto fabricam tijolos e telhas que darão origem a novas e mais seguras habitações, escutam o pé-de-bode[9] e uma ou duas violas dizendo canções que lembram outras experiências, tempos e lugares[10]. Todos, sem exceção, deixaram para trás: familiares, namoradas, noivas, alguns poucos bens e costumes dos quais recordam e reinventam enquanto narram[11].

O “conjunto”, espaço de alguma forma organizado – o que não indica completude, sugere a atividade da memória a partir de “acontecimentos que não dependem dela”, exteriores, e ela, por sua vez, “vive de crer nos possíveis, e de esperá-los, vigilante, à espreita.” O algo ausente que traz a “harmonia”, a memória apresenta quando “aproveita” a oportunidade artisticamente[12]. Eis a operação, o “toque a mais”, que produz “o bom” (CERTEAU, 2007, p. 161-165). No caso específico, rememorar é imperativo e urgente.

É uma “luta pesada” e ainda há muito a ser feito até que existam terrenos apropriados para o cultivo agrícola de gêneros tidos por essenciais na região, tais como: milho, feijão, algodão e arroz, este mais adequado às regiões de baixio, nas proximidades do rio que durante o período de chuvas ameniza as dificuldades de abastecimento de água na localidade.

Prioritariamente, as questões de subsistência pessoal e familiar motivaram as migrações e a tentativa de fixar residência naquelas paragens. Antigos, pequenos e médios, proprietários de terras têm pressa de vendê-las e adquirir novas propriedades bem maiores que as anteriores e a preços semelhantes, não obstante a necessidade de um árduo trabalho de desbravadores. Para tanto, recrutam corpos capazes de executar a tarefa com desvelo; não são raros os jovens, parentes dos novos proprietários, que se filiam à empresa.

As exigências físicas próprias da tarefa associadas a algumas questões particulares – compromissos afetivos, saudade, doença etc. – torna elevado o número dos que desistem. De uma comitiva de dezesseis apenas dois optaram pela permanência. Contudo, os que ficam vivenciam uma tensão permanente entre antigas crenças e práticas e às novas experiências espaciais.

José Pinheiro de Morais, conhecido como Deca Pinheiro, era um jovem de 21 (vinte e um) anos de idade em 1957 quando chegou à localidade denominada Infincado, no município de Assaré. Um dos seus tios maternos, João Gonçalves, comprara parte de um antigo latifúndio que, no século XIX, pertencera a Gonçalo Batista Vieira (1819-1896)[13] e requisitou do cunhado Miguel, dois dos seus filhos para tomarem parte na sua comitiva que teria sobre si a responsabilidade de transformar uma extensa área de matas fechadas em terras próprias ao cultivo agrícola.

Deca Pinheiro, no ano anterior, já havia deixado Lavras da Mangabeira, seu município de origem, enfrentando as dificuldades de "um ano seco", para trabalhar em lavouras no município de Iguatu. Sua família possuía na composição 08 (oito) irmãos que o pai costumava dividir em dois grupos de quatro cada, sendo que a uma parte cabia o auxílio ao genitor na pequena propriedade da família e aos demais o trabalho em terras de terceiros.

Nas noites do Infincado algo, porém, parecia destoar dos sons da pé-de-bode e das violas nas rodas de conversa: cânticos que narram a trajetória de Jesus, dos santos oficiais do catolicismo ou populares; são os benditos dos penitentes integrantes da comitiva. Deca Pinheiro, ele mesmo penitente desde o início da adolescência, fazia parte do grupo que entoava os cânticos aprendidos dos mais velhos e que são uma marca identitária das irmandades de penitentes[14].

A narrativa abaixo, publicada inicialmente no Suplemento Literário do Jornal *O Estado de São Paulo* em 04 de novembro de 1961, fala do encontro da pesquisadora Maria Isaura Pereira de Queiroz com uma irmandade de penitentes no interior da Bahia:

> Em noite muito escura, regressávamos da casa do chefe político local para aquela em que nos hospedávamos, quando ao dobrar uma esquina vimo-nos frente a frente com um grupo de vultos mais negros ainda do que a negra noite, tão negros que as cruzes alvas costuradas nos "mantos" ficavam quase luminosas. Com o coração aos saltos, cozemo-nos de encontro à parede da casa mais próxima e eles passaram quase sem rumor, os pés descalços, mal fazendo ranger a areia da rua, murmurando orações num balbucio, estreitamente agrupados atrás da cruz bem alta que os precedia. Não levavam matraca. **E a poucos passos rompeu nos ares um "bendito" compassado, que vozes masculinas entoavam cheias de fé** – havia ali também uma cruz, plantada ao lado da viela, ali onde fora assassinado um homem anos atrás. (QUEIROZ, 1973, p. 172). (Grifo meu).

MONTENEGRO citado por CARVALHO (2011, p. 14), afirma:

> Penitente é aquele que, às horas tardias da noite se reúne a outros junto aos cruzeiros, ao pé das cruzes das estradas, diante das capelas e à porta dos cemitérios, e aí sob a chefia do "decurião" ou do "ajudante", reza, **canta** e se flagela com as costas desnudas, por meio de "disciplinas", durante certo tempo. (Grifo meu).

Multiplicando os relatos, de ordem acadêmica ou não, cujo olhar encontra-se voltado às irmandades de penitentes, os "benditos" é parte recorrente. Talvez só mais uma referência seja necessária para que eu não me estenda em demasia[15].

Anna Christina Farias de Carvalho (2011, p. 14-15) analisa a definição proposta por Abelardo Montenegro e citada acima, bem como a proposta pelo Pe. Antonio Vieira que menciona igualmente o cântico dos penitentes. A opinião da socióloga, com a qual prontamente concordo, é que tais conceituações restringem a prática da penitência às irmandades cujos membros praticam o autoflagelo corporal, deixando de fora, por exemplo, outros tipos de "autolimitações físicas ou psicológicas". Estariam, dessa forma, excluídas daquelas definições as danças votivas, os grupos mendicantes, os praticantes de jejuns etc.

Visto que ser penitente exige muito mais que apenas "cantar os benditos", como manter a experiência religiosa em uma região minimamente habitada, na qual ninguém sabia "o que era penitente"? Como não comparar os tempos de Lavras da Mangabeira onde praticamente todos os finais de semana a irmandade da qual Deca Pinheiro fazia parte era convidada para tirar terços e pagar promessas? Se não havia muitas casas no Infincado, não havia igreja nenhuma. Cemitério também não existia. Não havia espaço adequado à prática da penitência? Como não por em evidência as especificidades espaciais das comunidades rurais do município de Lavras da Mangabeira e do Infincado?

As narrativas de Deca Pinheiro falam dessa relação entre a experiência religiosa do corpo penitenciado e os espaços por ela frequentado, das interdições impostas e das apropriações espaciais que envolvem a trajetória de mais de 60 (sessenta) anos desde que os primeiros penitentes chegaram ao município de Assaré. Visões e antevisões, dificuldades e incertezas.

ESPAÇO E EXPERIÊNCIAS PENITENCIAIS: O ANDAR MARCANTE DOS PENITENTES ENTRE INTERDIÇÕES E REMEMORAÇÕES

Seis anos antes da chegada de Deca Pinheiro ao município de Assaré, a família Duarte fixara residência na antiga propriedade do Barão de Aquiraz. Os relatos de Joaquim de Holanda Duarte, conhecido como Joaquim Camilo (63 anos de idade), Luiz de Holanda Duarte acima mencionado, filhos do antigo decurião de penitentes Camilo Duarte, e de Antonio Duarte de Almeida, (Antonio de Quinco Duarte, de 60 anos de idade), revelam alguns pontos convergentes com as narrativas de Deca Pinheiro[16].

Os membros da familia Duarte foram os pioneiros da prática da penitência no município de Assaré. Eram igualmente provenientes de Lavras da Mangabeira e os irmãos Camilo e Quinco Duarte sentiram interesses nas terras cuja venda foi noticiada via rádio. Em 1951, adquiriram as propriedades hoje denominadas Cacimba do Mel ou simplesmente "Os Duarte". É Luiz Camilo que informa que pelo mesmo preço de venda da pequena propriedade da família no seu município de origem, o velho Camilo Duarte comprou uma quantidade de terras muito maior no município de Assaré[17].

As narrativas dos mais antigos membros da família Duarte que hoje fazem parte da Irmandade de Nossa Senhora também falam a nós das dificuldades de ser penitente no Infincado, terra de poucas famílias e de casas distantes uma das outras. Os convites para serviços religiosos comunitários tão frequentes em Lavras da Mangabeira eram raros em terras assareenses.

De fato, tanto Deca Pinheiro quanto os Duarte deixam transparecer nos seus relatos aquilo que aqui vou denominar de dimensão horizontal ou social da penitência, ou seja, a relação entre o penitente e os membros da comunidade que solicitam e/ou recebem suas intervenções rituais rotineiros:

> Quando nóis chegamo aqui já tinha penitente. Pouco. Não fazia muita saída porque aqui o povo era pouco demais e era espaiado. Aí achavam ruim – gente não tinha aqui. Era muito pouca gente. Era somente as casinha ali em baixo, as nossa ali. Nóis moremo em casa aqui. Tinha uma base de umas trinta pessoa mais ou meno. Trinta a quarenta pessoa. Depois foi vindo gente de Várzea Alegre, de São Francisco, de Lavras e foi chegando gente e foro amuntuando o povo aqui, aí fizero um grupozim de gente mais ou meno, aí ficou mió pra nóis porque tinha pra onde a gente andar, pra onde sair. (Narrativa oral de José Pinheiro de Morais, conhecido por Deca Pinheiro, agricultor aposentado, 76 (setenta e seis) anos de idade. Concedida em 03 de janeiro de 2012).

Tal dimensão é sempre enfatizada em outras partes das narrativas orais componentes do corpo de fontes da pesquisa, por exemplo, quando falam de andar de casa em casa durante as Semanas Santas "tirando esmolas", ao relatarem o ato de pagarem promessas feitas por terceiros, participarem das Renovações do Sagrado Coração de Jesus[18] "tirando os terços, rezando as novenas" etc.

CARVALHO (2011, p. 14) ao "transcender as definições" que limitam as irmandades de penitentes àquelas que privilegiam os rituais de autoflagelo conforme acima mencionado, enfatiza o caráter "coletivo" da intervenção espiritual de tais grupos. Os penitentes buscam a "salvação individual e a coletiva".

Maria Isaura Pereira de Queiroz (1973, p. 174-175) vem atribuir à penitência a função de "controle social", ou seja, é sempre exigido dos penitentes "comportamentos julgados desejáveis pela comunidade", cabe ao decurião liderar as irmandades e verificar a adequação das posturas cotidianas dos seus "irmãos" às exigências da experiência religiosa que professam. Deca Pinheiro, que assumiu a liderança da Irmandade de Nossa Senhora quando atendeu ao convite de Joaquim Camilo, visto que os penitentes da Cacimba do Mel estavam sem líder, é quem nos adverte: "O freguês (penitente) deve andar com respeito, o cabra andar com uma turma pra andar tudo na sinceridade, não haver palavrão em meio de penitente, não andar penitente bebo, bebendo cachaça."[19]

Dessa forma, a mediação religiosa comunitária, conforme proposto pela Professora Anna Christina Farias de Carvalho (2011), e o "controle social" defendido por Maria Isaura Pereira de Queiroz (1973, p. 174-175) como importante para que indivíduos tenham "comportamentos julgados mais desejáveis pela comunidade", ambas confirmadas em parte nas narrativas do decurião de penitentes Deca Pinheiro, possibilitam que seja ampliada ainda mais a conceituação do termo "penitência" a partir do entendimento dos seus praticantes[20].

Contudo, a ênfase nesse momento volta-se às dificuldades de ser penitente em uma localidade que limita o seu mover, ou seja, "não tinha muito para onde sair", afirmou Deca Pinheiro no trecho da entrevista transcrito acima. Uma das dificuldades de ser penitente no Infincando era, enfaticamente, não haver muito por onde "andar".

As comparações com os tempos e espaços de Lavras da Mangabeira são frequentes nas falas dos entrevistados.

Deca Pinheiro ao narrar o momento de sua entrada, ainda na adolescência, para a irmandade de penitentes liderada por seu tio "Manel Carlo", assim se expressa:

> Eu era penitente desde lá (Lavras da Mangabeira). Quando eu entrei para a Irmandade eu tava com doze ano de idade. Mas é assim: porque meu pai já era penitente... Aí eu sempre tinha tido aquela vontade de **andar** na turma dele, do meu tio... Ai Manel Carlo começou a tirar terço e eu comecei a **andar** mais ele... Eu entrei mais ele. Passei um ano. Com uns treze ano foi que meu pai veio saber que eu era penitente. **Andava** assim mais eles, sabe? Aí assim eu fiquei, mas sem pai saber. **Andei, andei, andei**... aí quando foi um tempo, assim mais um outro ano a frente, aí nóis fomo tirar umas esmola, um jejum, na Semana Santa – aí o cabra quando vai tirar as esmola, o cabra sai à boca da noite e chega quatro hora da madrugada (risos) aí eu sei que pai sentiu falta d'eu, sabe?, e começou sentindo falta, toda noite sentindo falta... (Narrativa oral de José Pinheiro de Morais, conhecido por Deca Pinheiro, agricultor aposentado, 76 (setenta e seis) anos de idade. Concedida em 27 de dezembro de 2012). (Grifos meu).

Antes de assumir a liderança da Irmandade de Nossa Senhora, Deca Pinheiro “andou” com “Manel Carlos”, “andou” com Vicente Cazeca, “andou” com “Chico de Carlo”, “andou” com Fernando... “Andemo, andemo, andemo...” O penitente “anda de noite”... “Anda” a noite toda... O verbo “andar” aparece de forma enfática nas narrativas do decurião de penitentes da Irmandade de Nossa Senhora; fazer parte de um grupo de penitentes é “andar com eles”.

Para Luís da Câmara Cascudo (2001, p. 510) o “penitente” é uma “pessoa que cumpre promessa feita ao santo de sua devoção, geralmente com sacrifício pessoal, pela distância e dificuldade de locomoção. **Caminha** pelas estradas carregando objetos pesados...” (Grifo meu). O sacrifício, o caminho, o caminhar. Pelos relatos de Deca Pinheiro, o penitente é alguém que anda. Seu pai deixou de ser penitente por “não ter mais saúde e não poder mais viajar”[21].

Por acaso, também não é andando que o penitente segue o exemplo dos santos? “São José que andou no mundo/Junto com a Virgem Maria/Tanto andava toda a noite/Caminhava todo o dia.” Eis o ensinamento transmitido através do Bendito de São José relembrado em diversas ocasiões nas narrativas de Deca Pinheiro.

Andando, o penitente vivencia as interdições, experimenta espaços distintos, forja sua identidade, encontra um lugar que remete a outros, “um sonho, uma lembrança” (CERTEAU, 2007, p. 200) – outros tempos em um lugar. Promove diálogos: existe um “lá”, mas o “aqui” é diferente e apropria-se de lugares de memórias[22].

As cruzes fincadas à beira dos caminhos, sinais de mortes geralmente violentas e espaço de atuação dos penitentes nos seus rituais, como no relato acima de Maria Isaura Pereira de Queiroz, contribuem para que os penitentes elaborem suas “prosopopéias memoriais”[23] e, de certa forma, construam recordações sociais com relativa coesão ligadas por lugares de memórias comuns.

Nas proximidades da casa-grande sede da antiga fazenda do Barão de Aquiraz, Deca Pinheiro e Luiz Camilo relatam a existência de duas cruzes memoriais a dois vaqueiros que, impedidos de finalizarem uma disputa anterior, juraram um ao outro de morte no próximo encontro o que aconteceu fatalmente para os dois. Espaço de penitência que remete a outros dias, “tempo que os cabra tinha opinião” e resolviam suas querelas “amarrando as camisas”, afirmam Deca Pinheiro e Luiz Camilo que falam em nome de mortos anônimos[24].

Ainda encontra-se de pé na Cacimba do Mel a velha casa do decurião Camilo Duarte, hoje habitada por um dos seus netos, e sempre mencionada nas falas dos entrevistados da família como a casa do “primeiro penitente” do Genezaré. O lugar atua ao mesmo tempo como lugar de memória familiar e da experiência religiosa na localidade.

Em outra perspectiva, certo dia, ainda em Lavras da Mangabeira, dois meninos ao procurar lenha são confrontados, bem próximo a uma pequena árvore, por um vulto feminino posteriormente identificado como a aparição miraculosa de uma "santa". O terreno do "milagre" logo foi aplainado e passou a receber os penitentes, em orações e cânticos, "todos os sábados". Entretanto, a pequena árvore foi arrancada pelo pai das crianças resultando em uma nova aparição da "santa" que exigiu o replantio imediato do vegetal que servia como sombra ao sagrado.

Já em terras do Infincado, a escassez de chuvas levou uma mulher ao fazer uma promessa para que a roça do marido "segurasse", ou seja, que a colheita fosse satisfatória. O teor do acerto com o seu santo de devoção: os penitentes de Vicente Cazeca deveriam "tirar um terço no caminho da roça". Graça alcançada, aquela que prometera morre antes de pagar a divida. A família com pressa de quitar o compromisso com o santo, convoca os penitentes para a realização do "serviço", ao que atendem de imediato. Entretanto, o espaço onde rezam o terço não é o mesmo marcado pela falecida. A "alma da defunta" então aparece a uma vizinha e exige que a promessa seja cumprida tal qual sua palavra. Não há como recusar a exigência.

As experiências espaciais dos penitentes, os seus espaços rituais e formas de atuação, por vezes dependem do entendimento do grupo do que seja um "espaço sagrado[25]" e das exigências que dele procedem. No segundo caso mencionado, ainda foi necessário os penitentes "andarem" em volta da casa da falecida por três vezes – ato que não fazia parte do acordo inicial com o santo – para que a promessa fosse tida por paga.

As narrativas orais dos penitentes da Irmandade de Nossa Senhora da Vila de Genezaré ainda informam a nós que, até meados do século XX nem ao menos os familiares sabiam que tinham entre os das suas casas adeptos da penitência. A união de elementos distintos garantia a preservação da identidade dos praticantes.

As roupas padronizadas que deixavam à mostra apenas os olhos e "as pontas dos dedos", o sair da casa às escondidas sem a indumentária ("equipamento") à mostra, o retorno à residência antes do sol sair, a ordem do decurião – único que não escondia o rosto – para que não falassem na presença das pessoas que porventura encontrassem nos caminhos, a escolha de lugares estratégicos para os encontros que antecediam os rituais faziam parte das opções que mantinham em sigilo o nome do penitente. "Sou um pobre penitente", ouviu um curioso Freire Alemão ao interrogar um penitente sobre a sua identidade pessoal em 03 de dezembro de 1859, na cidade do Crato, quando em expedição idealizada pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) às terras caririenses[26].

Quando era necessário estar em presença de pessoas da comunidade que requisitavam seus serviços religiosos a voz, provável elemento de identificação até mesmo através dos benditos, deveria ser silenciada ou alterada e as refeições oferecidas nesses momentos só poderiam ser tomadas depois de esvaziadas as salas para que os penitentes pudessem descobrir os rostos.

Entretanto, coloco em destaque o "andar" somente durante à noite e "por dentro dos matos ou veredas" como antiga opção ritual e cautelar dos penitentes constituinte da identidade das irmandades das quais nossos entrevistados fizeram parte no início da sua trajetória penitencial.

Nas comunidades rurais do Arrojado e Picada, ambas em Lavras da Mangabeira, os decuriões previamente estabeleciam o ponto de encontro dos penitentes antes das caminhadas rotineiras. De repente, ouvia-se um assobio que era respondido de imediato por outros e em alguns minutos todos saiam da segurança proporcionada pela vegetação e sombras noturnas e reuniam-se ante a presença da cruz de madeira que os lideres das irmandades ainda empunham e quando fixas demarcavam o território inicial dos rituais. Cruz: materialidade que relembra a morte/vitória de Jesus sobre Satanás e que como objeto de culto atingiu seu apogeu em finais do século XV e XVI na Europa da Contra-Reforma, "sinal da humilhação redentora do Salvador" (GÉLIS, 2010, p. 27-29), cruz cujo sinal repetido à testa, à boca e ao peito revela e efemeridade da existência física e a continuidade dos gestos rituais (CONNERTON, 1999, p. 80).

Depois de reunido o grupo, o decurião chegava, determinava onde os seus liderados deveriam permanecer e afastava-se para "tirar o terço". Em certa distância que lhe permitia ser ouvido, o líder proferia suas preces enquanto os demais rezavam e praticavam o ritual de autoflagelo. Após esse momento, o decurião retornava para junto do grupo e "corrigia" se "o trabalho tinha sido bem feito" sob pena de punição – o próprio líder flagelar os "que tinham medo de se cortar" – como nos informa Deca Pinheiro nas duas entrevistas concedidas em dezembro de 2011 e janeiro de 2012.

Mais orações e o cântico dos benditos antecediam e prosseguiam durante as caminhadas na sua qualidade de experiência reveladora das interdições espaciais impostas aos penitentes (CERTEAU, 2007, p. 178).

DA OBSCURIDADE AO DIA: QUANDO OS PENITENTES EXPERIMENTAM A LUZ E OS ESPAÇOS PÚBLICOS

Temos diante de nós a trajetória de homens e suas práticas religiosas penitenciais que deixam as veredas e a escuridão para experimentar a luz e os espaços públicos; da obscuridade ao dia.

Em Lavras da Mangabeira essas eram opções rotineiras, em Assaré ocorreram alguns mudanças conforme os relatos de Deca Pinheiro. Mesmo que no município anterior existisse uma antiga residência de um tio "muito devoto" do atual decurião da Irmandade de Nossa Senhora que recebia no seu interior os penitentes em seus rituais, é no Infincando que o espaço das residências é frequentado sem maiores restrições pelos penitentes. "Enquanto as mulheres faziam o café na cozinha, os penitentes rezavam na sala". A exceção torna-se mais frequente. Mas, até a época do decurião Vicente Cazeca eram conservadas as precauções anteriores.

Sem as influências do sagrado, exemplificadas acima, as veredas eram os caminhos prioritários, estradas apenas muito raramente e quando residências faziam parte do campo visual dos penitentes, estes seguiam pelos oitões e terreiros dos fundos das casas evitando as suas frentes. Nos primeiros tempos do Infincado, o número reduzido de casas não exigia tais cuidados dos membros das irmandades.

Na década de 1960 era vigário em Assaré o padre Agamenom de Matos Coelho[27]. Nesse decênio, por sugestão do vigário, o Infincado recebe o nome de Genezaré, é construída sua capela consagrada a São Francisco e o seu cemitério. O espaço coletivo de "visitas de cova" já experimentado em Lavras da Mangabeira passa a ser também frequentado no Genezaré.

Luiz Camilo fala, porém, das dificuldades ainda enfrentadas nos tempos de ministério do padre Agamenom em Assaré para que os penitentes conseguissem acesso ao espaço interior da Matriz de Nossa Senhora das Dores. Por duas vezes, a irmandade dos penitentes da Cacimba do Mel venceu mais de vinte quilômetros de distância entre a localidade e a sede do município para "pagar promessas" e encontraram a resistência do vigário em abrir as portas da matriz local[28].

Padre Manoel Alves Feitosa assumiu a paróquia de Assaré logo após a morte do Padre Agamenom de Matos Coelho cujo corpo foi inumado no interior da matriz que dirigiu por mais de quarenta anos. Foi padre Manoel, segundo Deca Pinheiro, quem começou a convidar os penitentes para "participar das missas" que passaram a ser celebradas também na capela

construída pelo “Padre Manel” na Serra dos Carlos, onde residira o decurião “Chico de Carlo”.

O padre Vileci Vidal traz até nós a informação que

> ... logo na primeira missa que celebrei lá (no Genezaré) em 02 de novembro de 2008, exatamente um dia reservado em que o grupo faz o seu ofício religioso... convidei o grupo para conduzir os cânticos da caminhada dos fiéis até o cemitério onde dei a bênção dos túmulos e rezamos pelos mortos. (Narrativa do Padre Vileci Vidal, pároco de Assaré entre outubro de 2008 e agosto de 2010, concedida através de mensagem de correio eletrônico em 16 de abril de 2012).

Pelos depoimentos, a constatação é que a relação dos penitentes do Genezaré com os espaços oficiais do catolicismo dependem muito sensivelmente do conhecimento e interpretação que os vigários locais têm daquela experiência religiosa de forma específica. Nesse aspecto não podemos atribuir linearidade: existem tempos de visível aproximação, como durante o ministério do padre Vileci Vidal[29] e outros de silêncios eclesiásticos em relação aos penitentes do Genezaré e sua atuação no espaço religioso da Igreja[30].

Os diálogos entre os antigos penitentes do Infincado e a Secretaria Municipal da Educação, Cultura, Turismo e Desporto de Assaré[31] têm início quando ainda estava à frente da pasta Francisco Eugênio Costa Oliveira, desde então as vestimentas do grupo são financiadas pelo município e segundo Deca Pinheiro até o nome da Irmandade quem “ajeitaro foi voceis por lá”. Consta desse período o convite de Joaquim Camilo para que Deca Pinheiro assumisse a liderança da Irmandade, resumida a alguns penitentes remanescentes do antigo grupo dos Duarte da Cacimba do Mel, à parte dos seus descendentes e outros adeptos sem histórico da prática penitencial na família. Já eram distantes os dias em que no Infincado havia três Irmandades de Penitentes, a saber: Cacimba do Mel, Lama e Serra dos Carlos.

Com a ação de reconhecimento público do patrimônio imaterial[32] local denominado *Mestres dos Saberes e Fazeres da Cultura Popular Assareense*, Deca Pinheiro recebe o seu título em 2008 e em 2009, Joaquim Camilo por indicação do seu decurião e agora Mestre Deca Pinheiro também é reconhecido publicamente “pelos relevantes serviços prestados à cultura do município”[33]. Foi durante o processo de escolha de Joaquim Camilo que mantive o primeiro contato com os penitentes do Genezaré, exercendo a função de assessor técnico do patrimônio histórico e cultural da Secretaria Municipal da Cultura[34].

O envolvimento da Irmandade de Nossa Senhora com “os movimento da cultura”, no dizer de Deca Pinheiro, leva os penitentes do Genezaré a frequentarem espaços públicos antes

inimagináveis para eles, não obstante experimentados por outros grupos de penitentes com ligações anteriores com as políticas culturais dos seus municípios[35].

Desde 2005, a Prefeitura Municipal de Assaré realiza entre 01 e 05 de março o evento *Patativa do Assaré em Arte e Cultura* alusivo ao nascimento do poeta Antonio Gonçalves da Silva cujo epíteto aparece no título dos festejos. A participação dos penitentes acontece no primeiro dia, no cortejo de grupos populares do Cariri cearense que desfilam pelas principais ruas inaugurando, anualmente, a programação às 17h00min. No palco principal eles cantam seus benditos e no último dia visitam o túmulo do poeta e participam de missa de ação de graças pelo seu nascimento, conforme calendários oficiais aos quais tive acesso[36].

Em relação à participação no *Patativa do Assaré em Arte e Cultura*, Deca Pinheiro fala das dificuldades da visita ao cemitério no qual o poeta está enterrado porque "quando a gente foi tava com o portão fechado" e da preferência de no cortejo de grupos populares "ficar apartado. Nóis vamo deixar esses grupos de "Mateu", de reisado, de capoeira, essas coisa nóis vamo deixá p'rá frente e nóis vamo ficar p'rá trás com a banda (de música. Disse o decurião aos ao seus penitentes). Aí ficou assim..."

Além dos novos espaços religiosos e culturais frequentados pelos penitentes do Genezaré mencionados acima, no ano de 2010 a Irmandade de Nossa Senhora experimentou contatos com as artes visuais e audiovisuais. Com projeto intitulado *Os Penitentes do Genezaré: fé, cotidiano e tradição*[37], realizei o registro fotográfico inédito dos 08 (oito) membros da irmandade em alguns dos seus eventos rituais e em outros momentos do cotidiano de agricultores e moradores de uma comunidade rural do município de Assaré, no Cariri cearense. As ações do projeto constaram de 03 (três) exposições fotográficas, palestras na rede pública municipal de ensino em Assaré e a publicação de um livro que contou com a apresentação do Professor Océlio Teixeira de Souza da Universidade Regional do Cariri – URCA.

Participei também, na qualidade de diretor de produção, do vídeo-documentário *Mestres dos Saberes e Fazeres da Cultura Popular Assareense*[38] o qual registrou 06 (seis) mestres, mestras e seus ofícios anteriormente reconhecidos publicamente através do programa de mesmo nome idealizado pela Secretaria Municipal da Cultura de Assaré. Deca Pinheiro foi um dos escolhidos para protagonizar o registro.

A convivência por um tempo mais dilatado com os membros da Irmandade de Nossa Senhora durante o ano de 2010, motivada pelas duas produções mencionadas, foi essencial para a eleição do tema para a pesquisa que resultaria no trabalho final do curso de Especialização em História do Brasil pela Universidade Regional do Cariri – URCA[39] e com

o qual concorreria em 2011 a uma das vagas disponíveis para o ano de 2012 no Mestrado em História (MAHIS) da Universidade Estadual do Ceará - Uece.

Sob outro aspecto, pude perceber a disposição do decurião Deca Pinheiro em frequentar novos espaços desde que sirvam para dar maior visibilidade ao grupo. Em um diálogo com o padre Vileci Vidal já referido, Deca Pinheiro argumenta que

> ... quem descobriro os penitente foi a cultura, aí entonce pra nóis aumentar o nosso nome, entonce quer dizer que nóis fomo obrigado a entrar dentro da cultura também – tamo dentro da cultura, é uma irmandade da evangelização, é visto, mas somo da cultura também. (Narrativa oral de José Pinheiro de Morais, conhecido por Deca Pinheiro, agricultor aposentado, 76 (setenta e seis) anos de idade. Concedida em 03 de janeiro de 2012)

O decurião ainda fala da sua "consciência" de ser um representante da sua comunidade. Para ele, isso implica em negociar sua participação em eventos religiosos ou culturais mesmo que seja a luz do dia e nos novos espaços agora permitidos aos penitentes.

Desde o ano de 2009, sempre no mês de novembro, o terreiro da casa-grande do Infincado recebe uma celebração religiosa também marcada por apresentações culturais em comemoração ao Dia da Consciência Negra[40], Deca Pinheiro participou das três edições do evento coordenado pelo padre Vileci Vidal desde seus dias de pároco em Assaré.

Em fins de 2011, o bispo da Diocese do Crato Dom Fernando Panico esteve, em uma tarde de sábado, na capela de São Francisco na Vila do Genezaré ministrando crismas aos jovens da comunidade. Deca Pinheiro esteve presente à cerimônia e segundo suas narrativas, recebeu do bispo palavras de incentivo para continuar na sua missão.

A participação do decurião nas duas cerimônias é emblemática para revelar as tensões internas que a aceitação de novos espaços e talvez, mais ainda nesses casos, novos horários provocam na Irmandade de Nossa Senhora. Deca Pinheiro convoca os seus penitentes, não é atendido, vai sozinho e, nas primeiras ocasiões seguintes, tem que "chamar a atenção dos meninos". Ao que respondem: "É porque nóis não quer se apresentar de dia. Nóis acha ruim." Porventura, Deca já não "tirava terço na sombra da santa", em Lavras da Mangabeira, ao meio-dia[41]?

Tais concepções distintas são reveladas nas falas do decurião Deca Pinheiro inclusive no uso diferenciador dos pronomes "eu" e "eles" que fragmenta um "nós". "**Nóis** somo representante da comunidade do Genezaré... mas **eles** não viero... aí foi obrigado **eu** reclamar a **eles**." E ainda, "... é tanto que na missa que há aí na casa-grande já convidei **os meninos** mais que duas veiz... só que no fim fiquei **eu** sozim."[42]

Por outro lado, Deca Pinheiro, por vezes, deixa os outros membros da Irmandade de Nossa Senhora, no meio de apresentações, e vai marcar espaços praticados unicamente por ele com o seu sangue de penitente, como já presenciei algumas vezes. Somente o decurião da Irmandade de Nossa Senhora ainda conserva o hábito do autoflagelo. Fica estabelecido assim outro ponto de diferenciação entre o "eu" do decurião e o "eles" dos demais penitentes: uma tensão ao mesmo tempo presente e interna à Irmandade e no seio da identidade histórica da tradição que representam[43].

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se sempre "existe uma linha, existe uma barreira"[44] entre pesquisador e entrevistados, por vezes tão visíveis nos projetos de História Oral entre os quais esta pesquisa está inserida, o muro existente entre os penitentes do Genezaré e eu tem muitas razões de ser. Talvez a linha seja estabelecida pela minha atuação na Secretaria Municipal da Cultura de Assaré que, em tantas ocasiões, falhou com a Irmandade de Nossa Senhora. Não foi uma única vez que assumimos o compromisso de enviar transporte para que os penitentes pudessem participar de eventos e não cumprimos o trato – diz-se na região "tratante" das pessoas que assim agem, ou seja, "quebram tratos" – frustrando as expectativas daqueles que são tão importantes para minha trajetória acadêmica[45].

Por outro aspecto, a barreira talvez seja posta entre alguém que já vivenciou de forma mais intensa relações com espaços religiosos e aqueles aos quais elegeu como seus interlocutores, pessoas para quem o sagrado e as experiências religiosas influenciam tão significativamente as relações espaciais. Haveria outras diferenças? Certamente, sim! Entre o morador/pesquisador de vivências urbanas e os entrevistados das zonas rurais; entre alguém que marcou o corpo por grafismos "profanos" e aqueles que escrevem nos seus corpos uma "história cristã" etc.

Talvez o distanciamento possa ser percebido pelos mecanismos de comunicação do pesquisador que decide reconstruir historicamente uma trajetória, resultando em um produto escriturístico, a partir dos relatos orais dos que não dominam a escrita.

De qualquer forma e sejam quais forem as "linhas ou as barreiras", o confronto com estas ocorreu logo nos primeiros contatos. Uma das filhas de Joaquim Camilo, certa vez, sem meias palavras e olhando diretamente para mim questionou o nível da minha sinceridade e admiração para com o grupo do qual seu pai faz parte. Na sua visão, forjada a partir de uma perspectiva de não-valorização da Irmandade, comum na vila que habitam, ela prudentemente

avaliou que poderia haver, da minha parte, uma tentativa de exploração, inclusive financeira, dos membros da Irmandade. "Mas a história oral é uma arte que requer vários sujeitos, para os quais a diferença é tão necessária quanto a consonância." (PORTELLI, 2010, p. 35).

As "linhas ou barreiras" não deixaram de existir, convivemos com elas visto os interesses de cada um, conscientes ou nem tanto, pesquisador e entrevistados, envolvidos no projeto. Creio que sou o beneficiado de forma mais imediata nesse diálogo. Mesmo "aumentando o nome da irmandade, como afirma Deca Pinheiro, que tipo de vantagem a visibilidade oferta ao grupo?

O muro está posto, mas nunca as gentilezas abandonaram nossos contatos. Os penitentes do Genezaré sempre estiveram com as portas das suas casas abertas, oferecendo água para saciar a sede e aliviar o calor exacerbado no percurso entre a zona urbana de Assaré e a Vila, um bom café, refeições e as suas narrativas memoriais, o nosso idílio. Julgo conveniente dizer que os estudantes da Escola de Educação Infantil e Ensino Fundamental Joaquim Neco da Costa, única da Vila do Genezaré, gozam do mesmo tratamento quando vão à procura dos penitentes e das suas "histórias".

Não posso negar a possibilidade de que entre pesquisador e entrevistados possam ser gerados laços de amizade pautados na generosidade dos que narram e na admiração dos que ouvem e a tudo registram. Acredito, ainda, ser esse o tipo de relação entre o decurião dos penitentes do Genezaré e eu que temos construído a partir do primeiro contato em fevereiro de 2009.

As memórias de Deca Pinheiro, entre o individual do pronome "eu" e o coletivo de um "nóis", às vezes fragmentado em um "eu" e "eles" ou "os menino", dos primeiros tempos no Infincado aos dias atuais, chegam até nós através das falas construídas por um fluente narrador. Algumas poucas perguntas foram suficientes para que o decurião trouxesse informações capazes de gerar outros tantos questionamentos que não poderiam ser elaborados porque faltava uma fonte a ser problematizada.

Deca Pinheiro não é somente aquele que traz informações. Sua experiência de quase 60 (sessenta) anos na prática da penitência dá a ele condições de expressar opiniões. Sua autoridade procede da sua postura que concorda com o *ethos* exigido daqueles que vivenciam a experiência religiosa da penitência e da sua trajetória temporal.

Nesse sentido, o "eu" nas suas memórias está marcadamente presente. "Eu sempre tive vontade de ser penitente...", "aí eu comecei a assistir terço...", "eu comecei a andar com ele...", "eu sempre digo a eles que a irmandade só pode entrar nela... se não entrar na irmandade de coração o cabra nem entre não... ", "eu acho que esse negoço de se cortá é o

mermo sofrimento que sucede com Jesus Cristo...", "por mim ainda hoje era do mermo jeito...", "eu acho bom me cortá..." etc. Por mais que suas memórias sejam construídas a partir de relações sociais, suas recordações são perpassadas de opiniões que por um lado une, por outro o diferencia dos demais membros da Irmandade que lidera.

Afirmo aqui que, enquanto a irmandade mantém uma identidade coletiva em construção e única se comparada às demais irmandades que vivenciam a mesma experiência religiosa, individualmente existe um processo de diferenciação que torna cada um dos seus membros igualmente único, com uma identidade particular. De fato, a capacidade de escolher, manipular, interpretar dos grupos ou indivíduos não pode ser eliminada em sua totalidade por nenhum sistema normativo (LEVI citado por CHARTIER, 2003, p. 84). Nem a Irmandade de Nossa Senhora é moldada pelas suas semelhantes ou pela oficialidade do Catolicismo que representam, nem os seus penitentes são completamente imagem e semelhança do grupo.

O atual decurião da Irmandade de Nossa Senhora ao falar na primeira pessoa do plural faz referência aos grupos que integrou. Primeiramente, no "nóis" por ele proferido nas suas narrativas aparece a comitiva que chegou ao Infincado em 1957. Em seguida, aparece os tempos em que fazia parte da "turma" de penitentes do seu tio "Manel Carlo" – esse era o tempo em que "nóis (penitentes) escapulia de casa... saia por ali e ninguém dava notícia...". Em terceiro lugar, os tempos em que fazia parte da irmandade liderada por Vicente Cazeca e com menor ênfase os dias em que "andava" com Chico de Carlo e Fernando "no tempo em que os penitente começaro a querer entrar dentro de casa". Finalmente, o "nóis" da atual irmandade que dirige. As rememorações de Deca são construídas a partir das suas inserções nesses grupos. Suas narrativas apontam para uma identidade coletiva de um migrante, penitente, trabalhador agrícola, morador da zona rural. Permanece aqui a dúvida: como seria a sua narrativa se fosse solicitado simplesmente que ele contasse sua história de vida?

Dessa maneira, fica esboçado um retrato do narrador Deca Pinheiro mesmo que carente de maior nitidez. Pelas suas falas a Irmandade que lidera também ganha contornos. Sobretudo, as experiências espaciais das irmandades de penitentes das quais fez e ainda faz parte podem ser cartografadas, afinal a identidade de um grupo é forjada também pelos espaços por eles praticados. Olhar para a relação sujeito (individuo ou coletividade)/espaço pode ser um ponto de partida para um escrita identitária individual ou coletiva.

Se uma pesquisa pode ser avaliada pelo que revela, penso que nesse trabalho não posso deixar de ver significado no que ela insinua e carece para adquirir maior consistência.

Talvez em outro momento, deixar Deca Pinheiro à vontade para narrar sua história de vida, sem propor questões, seja um caminho interessante para explorar suas qualidades de

fluente narrador e confrontar as suas narrativas construídas a partir de perguntas elaboradas previamente, como já foi feito para essa pesquisa, e aquelas sem interferência do pesquisador.

Dado a especificidade do projeto anterior de minha autoria protagonizado pelos penitentes do Genezaré mencionado anteriormente, senti a necessidade de realizar novas entrevistas com os membros da Irmandade de Nossa Senhora com o olhar mais voltado para o tema das experiências espaciais dos penitentes. Ao concluir essa fase que já está em andamento, preciso promover um diálogo entre as diferentes narrativas para maior clareza de algumas questões que surgiram nessa pesquisa e ficaram sem resposta até o momento. Com isso, creio que o problema da identidade individual dos penitentes em face das exigências coletivas da irmandade pode ser elucidado ainda que parcialmente.

Outra questão posta e não solucionada é a especificidade da Irmandade de Nossa Senhora se comparada às outras irmandades de mesmas práticas religiosas. Para solucionar essa demanda faz-se necessário uma revisão bibliográfica mais cuidadosa do que até agora tenho empreendido, visto nesse momento não haver condições de estender a metodologia utilizada nessa pesquisa a outros grupos. Assim, conseguirei provavelmente relacionar o local com espaços mais amplos e talvez não deixar sem diálogo "nomotético" e o "idiográfico".

São encontros que talvez jamais aconteçam. Mas há sempre algo visível no caminho que inquieta por fazer surgir novas questões, por tornar algumas certezas mais distantes, por exigir que escolhas sejam feitas. Alegria e a dor, a morte e a vida, a vereda e o caminho, unidos à mesa, em disputas certas, na escrita da História.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. Violar memórias e gestar a História: abordagem a uma problemática fecunda que torna a tarefa do historiador um parto difícil. *In*: ______. **História**: a arte de inventar o passado. Ensaios de teoria da história. Bauru: SP, EDUSC, 2007.

ANDRADE, Iarê Lucas. "**Da linha do trem prá lá**": o discurso sobre a prostituição na cidade do Crato – 1940/1960. Rio de Janeiro: UFRJ/UFC. 2000 (Dissertação de Mestrado).

BEZERRA, Cícera Patrícia Alcântara. **Outras histórias**: memória e narrativas da Irmandade da Cruz – Barbalha – CE. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2010, p. 35. (Dissertação de Mestrado)

CAMPOS, Roberta Bivar Carneiro. Como Juazeiro do Norte se tornou a Terra da Mãe de Deus: Penitência, *ethos* de misericórdia e identidade do lugar. **Religião e sociedade**. Rio de

Janeiro. v. 28, n. 01. Jul 2008. <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-85872008000100008&script=sci_arttext> . Acesso em 12 jun. 2010

CANDAU, Jöel. **O jogo social da memória e da identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.

CARVALHO, Anna Christina Farias de. **Sob o signo da fé e da mística**: um estudo das Irmandades de penitentes no Cariri cearense. Fortaleza: IMEPH, 2011.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. 11. ed. São Paulo: Global, 2001, p. 510.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

CHARTIER, Roger. A história entre narrativa e conhecimento. In: _______. **À beira da falésia**: a história entre certezas e inquietudes. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

CONNERTON, Paul. **Como as sociedades recordam**. Oeiras: Celta, 1999.

DELLA CAVA, Ralph. **Milagre em Joaseiro**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976 (Estudos brasileiros, v. 13).

DINIS, M. **Mistérios do Joazeiro**. 2. Ed. Fortaleza: IMEPH, 2011.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. São Oaulo: Martins Fortes, 1992.

FENTRESS, James; WICKHAM, Chris. **Memória social**: novas perspectivas sobre o passado. Lisboa: Teorema, 2004.

FONSECA, Maria Cecília Londres. Para além da pedra e cal: por uma concepção ampla de patrimônio cultural. *In*: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (orgs.). **Memória e patrimônio**: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

GÉLIS, Jacques. O corpo, a Igreja e o sagrado. *In*: **História do corpo**: da Renascença às Luzes. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. p. 19-130

HOLANDA, Sério Buarque de. **Caminhos e fronteiras**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras. 1994.

JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. **A oralidade dos velhos na polifonia urbana**. Fortaleza: Premius, 2011.

NOBRE. Edianne dos Santos. Festas e práticas religiosas no Cariri cearense nos relatos de viagem (século XIX). Anais do III Encontro Nacional do GT História das religiões e das Religiosidades – ANPUH - Questões teórico-metodológicas no estudo das religiões e religiosidades. *In*: **Revista Brasileira de História das Religiões.** Maringá (PR) v. III, n.9,

jan/2011. Disponível na internet em: <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pub.html> Acesso em 20 abr. 2012

OLIVEIRA, Cícero da Silva. **Os penitentes do Genezaré**: fé, cotidiano e tradição. Fortaleza: LCR, 2011.

PINHEIRO, Irineu. **O Cariri**. Fortaleza: Edições UFC. 2010.

PORTELLI, Alessandro. Sempre existe uma barreira: a arte multivocal da história oral. In:______. **Ensaios de história oral**. São Paulo: Letra e voz. 2010.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **O campesinato brasileiro**: ensaios sobre civilização e grupos rústicos no Brasil. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1973. (Estudos brasileiros, v. 3).

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinhas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

---

[1] Licenciado em História pela Universidade Regional do Cariri – URCA. Trabalho apresentado para obtenção do título de Especialista em História do Brasil pelo Programa de Pós-Graduação da mesma Instituição de Ensino Superior. Mestrando em História pela Universidade Estadual do Ceará – Uece. (garcia.cicero@hotmail.com);

[2] O Cariri cearense é uma macro-região localizada no extremo sul do estado, nas fronteiras estratégicas do Ceará com os estados de Pernambuco, Paraíba e Piauí, composta por 28 (vinte e oito) municípios, a saber: Abaiara, Altaneira, Antonina do Norte, Araripe, Assaré, Aurora, Barbalha, Barro, Brejo Santo, Campos Sales, Crato, Caririaçu, Farias Brito, Granjeiro, Jardim, Jati, Juazeiro do Norte, Mauriti, Milagres, Missão Velha, Nova Olinda, Penaforte, Potengi, Porteiras, Saboeiro, Salitre, Santana do Cariri e Tarrafas, de acordo com a divisão regional cearense proposta pela Secretaria de Estado da Cultura. Entretanto, mesmo os órgãos de administração estadual admitem critérios diferentes para constituição das macro-regiões. A Agência do Desenvolvimento do Estado do Ceará (ADECE), por exemplo, reconhece, para efeito de suas ações, uma macro-região denominada Cariri-Centro Sul composta de 42 (quarenta e dois) municípios. Em 29 de junho de 2009, foi sancionada a lei de criação da Região Metropolitana do Cariri (RMC) composta inicialmente pelos municípios de Juazeiro do Norte, Barbalha, Crato, Missão Velha, Caririaçu, Farias Brito, Nova Olinda e Santana do Cariri (BEZERRA, 2010, p.

123). O município de Assaré está localizado a uma aproximação média de 100 km (cem quilômetros) da cidade de Juazeiro do Norte e a uma distância de mais de 500 km (quinhentos quilômetros) da capital do Estado, Fortaleza. Segundo informações do Censo 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Assaré contava naquele momento com uma população de 22.445 (vinte e dois mil, quatrocentos e quarenta e cinco) habitantes, sendo que 46,75 % (quarenta e seis virgula setenta e cinco por cento) destes são residentes na zona rural, dentre os quais os membros da Irmandade de Penitentes de Nossa Senhora da Vila do Genezaré. Estatística disponível na internet em <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1> Acesso em 10 Out. 2011

[3] A historiadora Cícera Patrícia Alcântara Bezerra (2010, p. 19) traz até nós a informação que: "Na chamada antiguidade clássica, a palavra Decurião designava o segundo nível da hierarquia militar romana. Um uma centúria romana, que compreendia um quadrado de 10 x 10 soldados, cada Decurião seria responsável pela organização e pelo controle de uma fileira." No âmbito dessa pesquisa, decurião é o líder de uma irmandade de penitentes, praticantes de rituais de autoflagelo, peregrinações e serviços religiosos comunitários, responsável pela organização dos seus rituais, participação em eventos diversos e averiguação das posturas cotidianas dos seus liderados consideradas adequadas à experiência religiosa que professam.

[4] Para LUKES citado por CONNERTON (1999, p. 50), ritual é "a actividade orientada por normas, com carácter simbólico, que chama a atenção dos seus participantes para objectos de pensamento e de sentimento que estes pensam ter um significado especial". A socióloga Anna Christina Farias de Carvalho (2011, p. 16) destaca as irmandades de penitentes praticantes do autoflagelo como representantes de um "catolicismo diferenciado", entendido como o "universo que transita entre a fé e a mística, ou seja, a fé representada na crença dos dogmas da Igreja Católica, no instituído, e a mística como uma reapropriação e conseqüente reelaboração de bens simbólicos da salvação". Nos rituais de autoflagelo, as opas (parte de cima das vestes características dos penitentes com cores que podem variar de uma irmandade a outra, não obstante a indispensável presença das cruzes) e com um pequeno chicote de couro de três lâminas em uma das extremidades (o cacho da disciplina, disciplina ou simplesmente cacho), em movimentos suaves, ferem as costas provocando sangramentos que ganham destaque quando o sangue atinge as calças dos penitentes, geralmente de cor branca. Historicamente, os instrumentos do autoflagelo sofreram variação. BEZERRA (2010, p. 35) transcreve relato que fala da utilização de tijolos nos rituais. CONNERTON (1999, p. 80), por sua vez, fala do uso de espadas e registra o autoflagelo entre xiitas.

[5] Acrescenta aos terços convencionais (a terça parte de um rosário) uma constante repetição entre partes iguais do conjunto de orações os versos cantados "Repouso eterno/dai Senhor".

[6] José Pinheiro de Morais, conhecido por Deca Pinheiro, agricultor aposentado, 76 (setenta e seis) anos de idade (entrevistas concedidas em 27 de novembro de 2011 e 03 de janeiro de 2012)

[7] "A prosopopéia memorial apresenta várias características de *Exemplum*, idealização, personagens-modelos nos quais são mascarados os defeitos e enaltecidas as qualidades, seleção de traços de caráter julgados dignos de imitação, "lendas de vida" *post mortem* que podem fabricar deuses – não se fala hoje ainda em dia da "ressurreição de Che? –, transcendendo as qualidades pessoais do defunto "através de um modelo que combina arquétipos e estereótipos" etc." (CANDAU, 2011, p. 143)

[8] De forma explícita, aceitando a tese de Durkheim sobre "fato social", "Admite-se que se trata de um tipo especial de facto social, pois a memória só é em parte social. Algumas das nossas recordações parecem ser na verdade mais privadas e pessoais do que outras. No entanto, esta distinção entre memória pessoal e memória social é, na melhor das hipóteses, relativa. Normalmente, as nossas recordações estão misturadas e têm ao mesmo tempo um aspecto social e outro pessoal. Mas esta parece ser uma razão escassa para supor que a própria memória se divide em dois compartimentos – um pessoal e outro social. E é ainda mais escassa para supor que uma parte das nossas recordações é objectiva ao passo que a outra é subjetiva." (FENTRESS; WICHAM, 2004, p. 20)

[9] Sanfona de oito baixos que recebe nomes distintos de acordo com a região do país: Gaita-ponto, gaita de duas conversas, cordeona de oito baixos (no Sul); Cabeça-de-égua, bandona, testa de ferro, concertina (no Sudeste); Fole de oito baixos, concertina, realejo, harmônica ou pé-de-bode (no Nordeste) são algumas das variações na sua nomenclatura.

[10] "... ver e ouvir parecem ser os dois sentidos mais tipicamente vocacionados para o tipo de sequenciação mnemônica essencial à evocação." (FENTRESS; WICHAM, 2004, p. 47)

[11] "De um lado as lembranças distribuem-se e se organizam em níveis de sentido, em arquipélagos, eventualmente separados por abismos, de outro, a memória continua sendo a capacidade de percorrer, de remontar no tempo, sem que nada, em princípio, proíba prosseguir esse movimento sem solução de continuidade. É principalmente na narrativa que se articulam as lembranças no plural e a memória no singular, a diferenciação e a continuidade." RICOEUR (2007, p. 108)

[12] Em oposição clara à perspectiva de memória adotada para a pesquisa e o modelo de "cópia e armazenamento" apresentado por FENTRESS; WICKHAM (2004. p. 13 e seqs.) e sugerido por RICOEUR (2007, p. 107 e seqs.).

[13] Político cearense do período imperial, latifundiário e escravocrata que recebeu de D. Pedro II o título de Barão de Aquiraz.
[14] Relato construído a partir das narrativas orais de Luiz de Holanda Duarte, conhecido por Luiz Camilo, agricultor aposentado, 75 (setenta e cinco) anos de idade (entrevista concedida em 09 de abril de 2012) e de José Pinheiro de Morais, conhecido por Deca Pinheiro, agricultor aposentado, 76 (setenta e seis) anos de idade (entrevistas concedidas em 27 de novembro de 2011 e 03 de janeiro de 2012), ambos membros da Irmandade Penitentes de Nossa Senhora da Vila de Genezaré, município de Assaré, no Cariri cearense. Técnica semelhante de construção de relatos foi utilizada por: ANDRADE, Iarê Lucas. "**Da linha do trem prá lá**": o discurso sobre a prostituição na cidade do Crato – 1940/1960. Rio de Janeiro: UFRJ/UFC. 2000 (Dissertação de Mestrado).
[15] "A Ordem dos Penitentes, todas as sextas-feiras, com suas roupas medievais com uma grande cruz vermelha nas costas, se reúnem nas cruzes solitárias das estradas para se flagelarem e **cantarem** seus benditos dolentes." (Grifo meu). VIEIRA citado por CARVALHO (2011, p. 14).
[16] Ver meu trabalho anterior, não obstante tratar-se de um projeto de artes visuais: OLIVEIRA, Cícero da Silva. **Os penitentes do Genezaré**: fé, cotidiano e tradição. Fortaleza: LCR, 2011
[17] Luiz de Holanda Duarte, conhecido por Luiz Camilo, agricultor aposentado, 75 (setenta e cinco) anos de idade (entrevista concedida em 09 de abril de 2012)
[18] A devoção ao Sagrado Coração de Jesus, para GÉLIS (2010, p. 35) faz parte de um complexo conjunto de cultos prestados a instrumentos, marcas ou partes do corpo de Jesus que lembram a sua Paixão. A devoção ao "coração ferido de amor" já era sinalizada no século XVI. Entretanto, é partir das aparições do Salvador a Maria Margarida Alacoque, religiosa francesa do século XVII, que o culto "ao coração de carne" de Jesus ganha maior impulso (Ver também DELLA CAVA, 1976, p. 41. Nota 5). No Ceará, a antiga devoção era revelada tanto em momentos de catástrofes, como na seca 1878 quando D. Luíz Antônio dos Santos, primeiro bispo do Ceará, dedicou toda a província ao Sacrantíssimo Coração em prol de um bom inverno (DELLA CAVA, 1976, p. 36), quanto em eventos sociais de menores proporções. Costuma-se ainda consagrar as residências cearenses ao Coração de Jesus e anualmente, no aniversário de casamento dos "chefes da casa" ou de um dia dos seus filhos, ocorre um momento de confraternização com membros da comunidade mais próximos da família no qual ocorre a "Renovação do Santo". Não eram as seguidoras do Padre Mestre Ibiapina (1806-1883) igualmente devotas do Sagrado Coração? (DELLA CAVA, 1976, p. 33). Porventura, quando da aparição de Jesus ao Pe. Cícero Romão Batista (1834-1844) ordenando seu ministério em Juazeiro do Norte em defesa dos sertanejos, não foi o próprio Coração de Jesus quem lhe falou: "Eu estou muito magoado com as ofensas que os homens me têm feito e me fazem diariamente"? (DINIS, 2011, p. 37). Para outra versão do relato do sonho do Pe. Cícero em questão ver: DELLA CAVA (1976, p. 36). Sobre a devoção ao Sagrado Coração de Jesus, ver ainda PINHEIRO (2010, p. 229).
[19] Narrativa oral de José Pinheiro de Morais, conhecido por Deca Pinheiro, agricultor aposentado, 76 (setenta e seis) anos de idade. Concedida em 03 de janeiro de 2012
[20] Opção teórico-metodológica também adotada por CARVALHO (2011, p. 14-15)
[21] Narrativa oral de José Pinheiro de Morais, conhecido por Deca Pinheiro, agricultor aposentado, 76 (setenta e seis) anos de idade. Concedida em 03 de janeiro de 2012.
[22] NORA citado por CANDAU (2011, p. 156-157)
[23] CANDAU, Jöel. **O jogo social da memória e da identidade**. São Paulo: Contexto, 2011. p. 143-144.
[24] "Bem ou mal, tranquilizador ou perturbador, nobre ou não, poderoso ou miserável, anônimo ou célebre, carrasco ou mártir, todo indivíduo morto pode converter-se em um objeto de memória e de identidade, tanto mais quanto estiver distante no tempo." CANDAU, Jöel. **O jogo social da memória e da identidade**. São Paulo: Contexto, 2011. p. 143.
[25] Para ELIADE (1992, p. 20), "Todo espaço sagrado implica uma hierofania, uma irrupção do sagrado que tem como resultado destacar um território do meio cósmico que o envolve e o torna qualitativamente diferente."
[26] BEZERRA, Cícera Patrícia Alcântara. **Outras histórias**: memória e narrativas da Irmandade da Cruz – Barbalha – CE. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2010, p. 35. (Dissertação de Mestrado). O texto em questão traz outras informações sobre a referida expedição.
[27] Ministério iniciado em 15 de maio de 1938 (conforme Ata de Posse lavrada no Livro de Tombo nº. II da Paróquia de Nossa Senhora das Dores, às fls. 26-27), quando era Bispo do Crato D. Francisco de Assis Pires e terminado somente com a morte do vigário em 1980.
[28] Luiz de Holanda Duarte, conhecido por Luiz Camilo, agricultor aposentado, 75 (setenta e cinco) anos de idade (entrevista concedida em 09 de abril de 2012)
[29] Deca Pinheiro cita o padre Vileci Vidal como aquele que, juntamente com a equipe da Secretaria Municipal da Cultura da qual fiz parte entre janeiro de 2009 a fevereiro de 2012, começou a explicar ao povo "o que era um penitente". Narrativa oral de José Pinheiro de Morais, conhecido por Deca Pinheiro, agricultor aposentado, 76 (setenta e seis) anos de idade. Concedida em 27 de dezembro de 2012.

[30] No Cariri, em finais do século XIX, "O Pe. Félix de Moura foi, se não fundador, pelo menos diretor da Sociedade de Penitentes do Crato... O ardor do Pe. Félix era tal que, segundo consta, chegou certas vez a baixar as vestes até a cintura, flagelando-se, então, enquanto proferia um sermão na Igreja. " (DELLA CAVA, 1976, p. 38-39.) e "Em "O Araripe", de 19 de outubro de 1862, comenta na secção "Miscelânea" Al Capeto (João Brígido?): "Ao meio dia em ponto encontram-se bandos confusos de homens descalços e meios nus que, cantando alto e descompassado, se rasgam as carnes com disciplinas! Que desordem, que assuada é esta? São os *penitentes* que se açoitavam por que a cólera estava por vir, e agora se açoitam por que não têm o que fazer. Fazem-no com licença do pároco"." (PINHEIRO, 2010, p. 230). Padres que dirigiam sociedades de penitentes ou davam licenças para seus rituais que, por vezes, marcavam pisos e paredes das Igrejas com sangue dos seus sacrifícios. Vigários mandando fechar os templos porque penitentes sujavam o coro da igreja de sangue (BEZERRA, 2010, p. 32). Os últimos dias das "missões" do Pe. Mestre Ibiapina eram reservados ao autoflagelo público (NOBRE, 2011, p.3). Ainda não é muito claro para mim essas mudanças ocorridas nas relações entre os penitentes e a Igreja ao longo do século XX. Talvez o aprofundamento das pesquisas lance luz sobre a questão. Sobre o Pe. Félix de Moura ver também PINHEIRO (2010, p. 229).

[31] Criada pela Lei Complementar nº. 003, de 19 de fevereiro de 2005. O Art. XXIII da Lei em questão no seu parágrafo único, item II apresenta em uma mesma divisão estrutural interna Cultura, Turismo e Desporto. A Secretaria Municipal da Cultura, Turismo, Desporto, Lazer e Recreação foi criada em 19 de dezembro de 2006 por força da Lei Complementar nº 015/2006 que alterou a Lei Complementar 003/2005.

[32] Para CANDAU (2011, p. 163-164) "... a elaboração do patrimônio segue o movimento das memórias e acompanha a construção das identidades: seu campo se expande quando as memórias se tornam mais numerosas; seus contornos se definem ao mesmo tempo em que as identidades colocam sempre de maneira provisória, seus referenciais e suas fronteiras; pode assim retroceder quando ligada a identidades fugazes ou que os indivíduos buscam dela se afastar. O patrimônio é menos um conteúdo que uma prática de memória obedecendo a um projeto de afirmação de si mesma. Este projeto está destinado a permanecer sempre inacabado..." De forma mais específica sobre patrimônio imaterial, o pensamento de FONSECA (2003, p. 65-66) é elucidativo: "Quando se fala em patrimônio imaterial ou intangível, não se está referindo propriamente a meras abstrações, em contraposição a bens materiais, mesmo porque, para que haja qualquer tipo de comunicação, é imprescindível um suporte físico (SAUSSURE, 1969). Todo signo (e não apenas os bens culturais) tem dimensão material (o canal físico de comunicação) e simbólica (o sentido, ou melhor, os sentidos), como duas faces de uma moeda. Cabe fazer a distinção, no caso dos bens culturais, entre aqueles que, uma vez produzidos, passam a apresentar um relativo grau de autonomia em relação a seu processo de produção, e aquelas manifestações que precisam ser constantemente atualizadas, por meio de mobilizações de suportes físicos – corpo, instrumentos, indumentária e outros recursos de caráter material –, o que depende da ação de sujeitos capazes de atuar, segundo determinados códigos."

[33] O projeto é semelhante ao modelo implantado pela Secretaria de Estado da Cultura desde o ano de 2003 quando a pasta era gerida por Claudia Leitão, atualmente Secretária de Economia Criativa do Ministério da Cultura. Contudo, a administração municipal não repassa nenhum tipo de benefício financeiro aos mestres e mestras selecionados. Para BEZERRA (2010, p. 148), o plano estadual de governo intitulado "*Valorizando a Diversidade e Promovendo a Cidadania Cultural*", "se espelhava, de certa maneira, no que vinha sendo desenvolvido internacionalmente pela interferência direta da UNESCO com o seu programa *Tesouros humanos vivos*, implementado na década de 1990 e inspirado no modelo japonês que possuía a mesma denominação e onde acompanhamos desde (*sic*) década de 1950 uma preocupação intensa com o processo de transmissão dos saeres dos Mestres da Cultura pertencentes a esse país."

[34] Através de convite formulado em conjunto pelo Secretário Municipal da Cultura Marcos Salmo Lima Barreto e pelo prefeito Francisco Evanderto Almeida que iniciava seu segundo mandato.

[35] Em 2006, por exemplo, o decurião de penitentes da Irmandade da Cruz (Barbalha-CE), Mestre Joaquim Mulato, participou em carro alegórico do desfile da Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira no carnaval do Rio de Janeiro.

[36] Sobre o *Patativa do Assaré em Arte e Cultura* e a participação dos penitentes do Genezaré no festejo ver, por exemplo: VICELMO, Antônio. Recital abre aniversário de Patativa. **Diário do Nordeste**. Fortaleza. 02 mar. 2006. Cultura popular. Disponível na internet em: <http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=229830> Acesso em 20 abr. 2012 e VICELMO, Antônio. Festa para Patativa do Assaré. **Diário do Nordeste**. Fortaleza. 28 fev. 2009. Regional. Disponível na internet em <http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=618184> Acesso em 25 abr. 2012.

[37] Contemplado no Programa BNB de Cultura Edição 2010 – Parceria BNDES no segmentos Artes Visuais. As exposições fotográficas integrantes das ações do projeto foram realizadas na sede da Fundação Memorial Patativa do Assaré, no município onde residem os penitentes da Irmandade de Nossa Senhora, na Universidade Regional do Cariri – URCA na cidade do Crato, quando eu ainda era estudante do Curso de Licenciatura em História daquela IES e no Centro Cultural Banco do Nordeste em Juazeiro do Norte. Também foi incluída na

programação cultural do X Encontro Cearense de Historiadores da Educação e III Encontro Cearense de Geógrafos da Educação realizados no período de 28 a 31 de julho de 2011 na Universidade Estadual do Ceará – Uece – *Campus* Itaperi. O livro, também um produto material do projeto (OLIVEIRA, Cícero da Silva. **Os penitentes do Genezaré**: fé, cotidiano e tradição. Fortaleza: LCR, 2011.), foi distribuído gratuitamente entre os membros da Irmandade de Nossa Senhora, os patrocinadores, parceiros, todos os 28 (vinte e oito) municípios do Cariri cearense através das secretarias municipais de educação e/ou cultura e apenas 10% (dez por cento) da tiragem foi comercializado.

[38] Projeto contemplado através do edital *Revela Ceará Jovem 2010* – Categoria Novo Diretor, do proponente Felipe Lira.

[39] Meu trabalho final com vistas à obtenção do título de licenciado em História pela Universidade Regional do Cariri – URCA tematizou sobre representações espaciais no romance *A cidade sitiada* da escritora Clarice Lispector. Intitulado *"O sonho da cidade abandonada": relatos das andanças da personagem Lucrécia Neves do romance A cidade sitiada de Clarice Lispector*" foi comunicado no I Colóquio do Grupo de Estudo e Pesquisa em História e Subjetividade – Historiografia e Literatura: Fronteiras da Narratividade, em fevereiro de 2011, também na URCA. Mantive o espaço sob o olhar mesmo decidindo trilhar por um caminho distante das pesquisas tidas por prioritárias ao longo da graduação. A escolha atual foi sendo construindo para além das minhas iniciais intencionalidades.

[40] Não é por acaso que a celebração do Dia da Consciência Negra ocorre, justamente, no terreiro da casa-grande que um dia pertenceu a um latifundiário escravocrata. "A atividade da memória que não se inscreve em um projeto do presente não tem carga identitária, e, com mais freqüência, equivale a nada recordar." CANDAU, Jöel. **O jogo social da memória e da identidade**. São Paulo: Contexto, 2011. p. 149. Em 2010, escrevi matéria sobre o evento que se encontra disponível no sítio da Secretaria Estadual de Cultura. <http://www.secult.ce.gov.br/noticias/dia-da-consciencia-negra-e-celebrado-em-assare>

[41] Foi citado acima trecho de "O Araripe" que fala de penitentes que "ao meio dia... rasgavam suas carnes com disciplinas" (PINHEIRO, 2010, p. 230). Na mesma página, um pouco acima, o historiador caririense afirma ter conhecimento que na cidade de Barbalha já ocorrera rituais de autoflagelo "ao pino do sol".

[42] Os trechos da entrevista concedida por Deca Pinheiro em 27 de dezembro de 2011 fazem referência às ausências dos demais penitentes da Irmandade de Nossa Senhora na cerimônia de Crisma, realizada na capela da Vila do Genezaré, em dezembro de 2011 e nas celebrações do Dia da Consciência Negra no terreiro da casa-grande do Infincado. Em relação aos usos pronominais em narrativas memoriais ver RICOEUR (2007, p. 105-107) e CONNERTON (1999, p. 134 e seqs.).

[43] Paul Connerton (1999, p. 51) informa que " … encenar um rito é sempre, num certo sentido, estar de acordo com o seu significado." Pretendo em outras entrevistas explorar melhor as opções de alguns membros da Irmandade não participarem de cerimônias à luz do dia ou da práticas autoflagelantes.

[44] PORTELLI, Alessandro. Sempre existe uma barreira: a arte multivocal da história oral. *In*:______. **Ensaios de história oral**. São Paulo: Letra e voz. 2010, p. 35. "A relação entre linha, barreira e escritura se coloca seja durante a entrevista, seja na preparação de seus resultados. Na situação do diálogo oral, as barreiras são tangíveis – mas mais fluídas e móveis, renegociadas e modificações continuamente em função da interação entre os interlocutores. Contudo, quando este "contar a história" oral e dialógico é transferido para a textualidade monológica e estável da escrita histórica e literária, essa fluída barreira "oral" se converte em uma separação exata. Minha escritura tem precisamente a função de distanciar as palavras daqueles que as pronunciaram e, assim, de tirá-las do seu controle." Ver também: ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. Violar memórias e gestar a História: abordagem a uma problemática fecunda que torna a tarefa do historiador um parto difícil. *In*: ______. **História**: a arte de inventar o passado. Ensaios de teoria da história. Bauru: SP, EDUSC, 2007.

[45] O jornal Diário do Nordeste noticiou em 21 de março de 2010 que a abertura da Semana Santa no município de Várzea Alegre ocorreria no dia 26 do mesmo mês e ano com a Procissão do Fogaréu, evento que conta com a participação de irmandades de penitentes da região do Cariri. Seria o primeiro ano da participação da Irmandade de Nossa Senhora, citada na matéria, se o motorista contratado pela Prefeitura Municipal para transportar os penitentes da Vila do Genezaré até a sede do município não faltasse ao compromisso por contas de atividades de interesse pessoal. Tais contratempos não foram fatos isolados durante o tempo que servi na Secretaria da Cultura de Assaré. Ver: BARBOSA, Honório. Abertura da Semana Santa. Diário do Nordeste. Fortaleza, 21 mar. 2010. Regional. Disponível na internet em <http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=754788> Acesso em 25 abr. 2012